

A HOSTILIDADE DA INSTÂNCIA INVESTIGATIVA: COMO AS DELEGACIAS CARIOCAS PERPETUAM ESTRUTURAS DE PODER INEFICIENTES PARA A RESOLUÇÃO DE CONFLITOS CRIMINAIS¹

INTRODUÇÃO

O presente trabalho parte de uma reorientação quanto à metodologia inicial proposta, visando apresentar uma análise de resultados prévia, com o uso de *softwares*, a almejada pesquisa de campo não pode ser realizada tendo em vista o contexto de pandemia no qual a formulação dessa pesquisa está inserida. Dessa forma retomamos a abordagem inicial ao explicitar o propósito do projeto, mas demonstramos algumas análises diferentes das objetivadas.

Ao adentrar uma Delegacia de Polícia Civil na cidade do Rio de Janeiro, é possível observar, já de início, inúmeros problemas: estruturas precárias, escassez de agentes policiais, problemas com o sistema de registro, entre outros. Contudo, permanecendo, no mínimo, uma hora em um desses locais, seja a 29ª Delegacia Policial em Madureira ou a Delegacia de Atendimento À Mulher no centro da cidade, tais problemáticas aumentam e apontam para possíveis razões pelas quais o sistema de investigação como um todo é ineficiente e não está do lado de quem almeja supostamente proteger – o cidadão.

Nesse sentido, vislumbra-se a Delegacia como um *campo*, tal qual entendido por Bourdieu, em que há “um espaço estruturado de posições onde dominantes e dominados lutam pela manutenção e pela obtenção de determinados postos. Dotados de mecanismos próprios, os

¹ VII ENADIR - GT02 - Conflitos, segurança pública e práticas judiciais

campos possuem propriedades que lhes são particulares, existindo os mais variados tipos”².

Logo, entende-se que ainda que o dito objetivo das Delegacias seja de registrar, investigar e, conseqüentemente, indiciar indivíduos por crimes, buscando reduzir a prática de atos considerados criminosos no Rio de Janeiro, na realidade, as Delegacias de Polícia Civil funcionam como ambientes nos quais os policiais são dominantes e anseiam continuar como tais e os dominados – as vítimas e os autores, permanecem em posições de fragilidade.

TEMA E OBJETO

Pretende-se, portanto, pesquisar como as Delegacias de Polícia Civil da cidade do Rio de Janeiro configuram ambientes “hostis” para aqueles que se encontram no elo mais fraco, sejam vítimas ou supostos autores de crimes, perpetuando uma estrutura de poder que não é eficiente no combate à criminalidade, mas também ao tratamento desumano de *criminosos*, ao racismo, à violência policial, entre outros.

JUSTIFICATIVA

O interesse na realização da presente pesquisa parte de uma observação inicial pessoal. Trabalhando há dois anos em escritórios de advocacia criminal carioca, fui demandada a realizar diversas diligências por toda a cidade do Rio. Tais diligências incluem protocolos de petições, cópias de procedimentos, oitivas de clientes, despachos com inspetores e delegados, entre outros. No processo de realização de tais atividades, pude observar por inúmeras horas práticas que me levaram a indagar quão eficientes tais espaços são nas proposições as quais possuem. Creio ser importante destacar alguns exemplos os quais presenciei pessoalmente.

Em março de 2021, em uma ida à Delegacia da Mulher (DEAM) na rua Visconde do Rio Branco, fui efetuar uma cópia de um inquérito policial. Primeiramente, o local fica em uma área próxima à Praça Tiradentes, considerado um local perigoso, ainda que durante o dia. Havia apenas uma inspetora realizando registros de relatos de vítimas de violência misógina. A Delegacia tinha diversas mulheres aguardando atendimento, em um ambiente quente e sem ar condicionado. Ao questionar à policial presente se poderia efetuar cópia, essa informou-me que

² ARAÚJO, Flávia Monteiro, ALVES, Elaine Moreira, et DA CRUZ, Monalise Pinto. Algumas reflexões em torno dos conceitos de campo e de habitus na obra de Pierre Bourdieu. *Revista Eletrônica Perspectivas da Ciência e Tecnologia*-ISSN: 1984-5693, 2008, vol. 1, no 1, p. 35.

o inspetor responsável pelo caso tinha ido almoçar às 14h30. Aguardado uma hora, ele ainda não tinha retornado. Durante esse período, entraram duas policiais militares fardadas na DEAM e perguntaram à inspetora como registrar uma ocorrência. Essa informou que apenas ela estava realizando o procedimento e seria necessário aguardar, no mínimo, 2h30, uma vez que haviam outras mulheres na frente. Pouco tempo depois, um colega policial daquelas chegou e parou em minha frente, segurando um fuzil. Indaguei-me se eu não fosse uma estagiária, mas uma vítima de violência e como me sentiria diante tal visão.

Em outro dia de março, ao acompanhar funcionários de uma empresa a uma oitiva em Madureira presenciei outra ocorrência que atizou ainda mais minha curiosidade quanto ao cotidiano hostil das Delegacias. Dessa vez, não considerei o lado da vítima, mas do próprio suposto autor de um crime. Sentada, esperando o horário da oitiva, vi 5 policiais militares na frente da Delegacia. Um deles segurava um homem algemado e outro filmava a entrada desse no local. Logo após os homens entrarem, uma menina vinha atrás chorando. Era namorado do homem algemado e menor de idade. Todos os policiais estavam armados. Destratavam tanto o suspeito como sua parceira. Quando esse perguntou se poderia beber água, um dos policiais o levou até o bebedouro e proferiu “tratamento VIP” em tom de deboche.

Ambos os exemplos configuraram apenas algumas horas de experiências pessoais em duas Delegacias, um universo muito ínfimo se pensado em relação à quantidade de Delegacias que existem na cidade e quantos acontecimentos devem ocorrer em cada uma delas a cada hora, a cada dia do ano.

É com tais exemplos e indagando-me acerca da magnitude de ocorrências similares às supracitadas que justifico a necessidade da presente pesquisa, tendo em vista que as Delegacias Policiais são campos que

são resultados de processos de diferenciação social, da forma de ser e do conhecimento do mundo e o que dá suporte são as relações de força entre os agentes (indivíduos e grupos) e as instituições que lutam pela hegemonia, isto é, o monopólio da autoridade, que concede o poder de ditar as regras e de repartir o capital específico de cada campo (BOURDIEU, 1984:114)³.

³ ARAÚJO, Flávia Monteiro, ALVES, Elaine Moreira, et DA CRUZ, Monalise Pinto. Algumas reflexões em torno dos conceitos de campo e de habitus na obra de Pierre Bourdieu. *Revista Eletrônica Perspectivas da Ciência e Tecnologia- ISSN: 1984-5693*, 2008, vol. 1, no 1, p. 36.

Ou seja, superficialmente, apresentam-se como locais que irão investigar a ocorrência de crimes, mas, na realidade, aparentam ser ambientes com particularidades as quais vão no sentido contrário a seu objetivo dito como principal, buscando perpetuar sua hegemonia.

MÉTODOS

Através da justificativa da pesquisa, é possível perceber que a concretização deste projeto, ocorreria, inicialmente, através de uma análise etnográfica, dependendo de um olhar observador por parte dos pesquisadores, que devem registrar tudo o que observam, para posteriormente realizarem uma análise interpretativa daquilo que presenciaram.

O pesquisador qualitativo pauta seus estudos na interpretação do mundo real, preocupando-se com o caráter hermenêutico na tarefa de pesquisar sobre a experiência vivida dos seres humanos. Para Prus (apud MOREIRA, 2002, p. 50-1), a tarefa de “dupla hermenêutica” justifica-se pelo fato de os investigadores lidarem com a interpretação de entidades que, por sua vez, interpretam o mundo que as rodeiam. O autor ainda nos elucida que os objetos de estudo das ciências humanas e sociais são as pessoas e suas atividades, considerando-os “não apenas agentes interpretativos de seus mundos, mas também compartilham suas interpretações à medida que interagem com outros e refletem sobre suas experiências no curso de suas atividades cotidianas”⁴.

Nesse sentido, o melhor tipo de metodologia, dentre os do âmbito qualitativo, é a realização de um estudo etnográfico do campo da Delegacia. Em tal toada, entende-se que:

O contato com o campo deve ser direto, tendo uma longa duração para que se possa melhor entender a vida do grupo pesquisado. Durante esse tempo, o estudioso pode utilizar algumas técnicas para obter um quadro mais completo do ambiente analisado. A abordagem etnográfica permite a combinação de técnicas como, por exemplo: a observação, a entrevista, a história de vida, a análise de documentos, vídeos, fotos, testes psicológicos, dentre outros⁵.

Logo, a principal forma de realização do presente projeto consistiria na observação do que ocorre nas Delegacias, escolhendo algumas e classificando-as de acordo com especialização ou não (ex: Delegacia da Mulher), localização, número de registros, entre outros, de modo a possuir um escopo diversificado e variar os dias e horários de análise para perceber

⁴ DE OLIVEIRA, Cristiano Lessa. Um apanhado teórico-conceitual sobre a pesquisa qualitativa: tipos, técnicas e características. *Travessias*, 2008, vol. 2, no 3, p. 7-8.

⁵ DE OLIVEIRA, Cristiano Lessa. Um apanhado teórico-conceitual sobre a pesquisa qualitativa: tipos, técnicas e características. *Travessias*, 2008, vol. 2, no 3, p. 5.

se ocorre algum tipo de diferenciação.

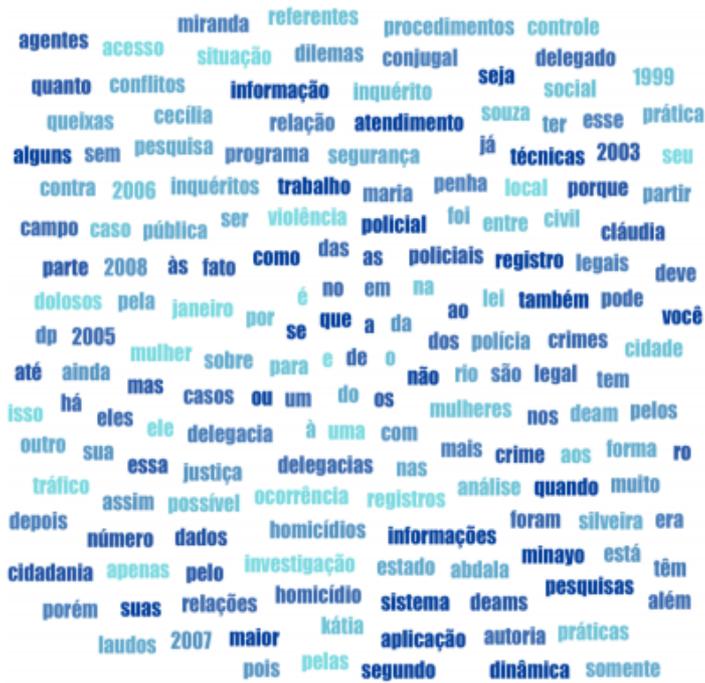
Ao efetuar o trabalho de campo, seria importante destacar tudo o que é observado: como é a Delegacia estruturalmente, número de policiais, como os policiais se portam diante vítimas/autores, tempo de espera para atendimento, frequência de entrada de policiais militares, etc. Ou seja, tudo aquilo que se veja e possa posteriormente ser utilizado como interpretação para a indagação do projeto acerca da hostilidade das Delegacias e sua possível ineficiência na resolução de conflitos criminais.

Ademais, também seria interessante, quando possível, fazer registros fotográficos para caracterizar de modo visual a observação. Além disso, entrevistas também são interessantes para buscar compreender o funcionamento interno e burocrático das Delegacias na visão de inspetores e delegados. Essas também podem ser utilizadas para questionar cidadãos acerca de como entendem ser o funcionamento da Delegacia, se consideram eficiente, o tratamento dos policiais, entre outros.

ANÁLISE DE RESULTADOS

No entanto, tendo em vista a impossibilidade de realização de um trabalho de campo a ser considerado de valor para o presente projeto, partiu-se a uma análise de resultados usando o software Atlas.Ti, mediante o qual formularam-se nuvens de palavras ao utilizar dois textos relativos à Delegacia da Mulher no Rio de Janeiro e os andamentos processuais dentro das Delegacias cariocas

Fazendo uso dos textos ABDALA, Cláudia, SILVEIRA, Kátia, et DE SOUZA MINAYO, Maria Cecília. Aplicação da Lei Maria da Penha nas delegacias de mulheres: O caso do Rio de Janeiro. *Dilemas-Revista de Estudos de Conflito e Controle Social*, 2011, vol. 4, no 4, p. 571-600 e MIRANDA, Ana Paula Mendes de, OLIVEIRA, Marcella Beraldo de, PAES, Vívian Ferreira, *et al.* A reinvenção da " cartorialização": análise do trabalho policial em registros de ocorrência e inquéritos policiais em "delegacias legais" referentes a homicídios dolosos na cidade do Rio de Janeiro. *Segurança, Justiça e Cidadania: Pesquisas Aplicadas em Segurança Pública. Brasília, Ministério da Justiça, 2010*, 2010, gerou-se a seguinte nuvem:



Já fazendo uso de alguns tweets juntamente à mineração de ambos os artigos, foi proporcionado o gráfico a seguir, em que se fez uso de palavras "delegacias rio de janeiro" e "racismo delegacias". Continuando com a utilização dos textos e dos tweets, foram adicionadas mais duas categorias "delegacia hostilidade" e "policial rio de janeiro, o que gerou o próximo cloud.



Por outro lado, ao retirar os textos e manter as categorias de tweets, obtemos os resultados a seguir:



Com a utilização de um software como o Atlas.TI, é possível perceber que, apesar de alimentado com dados qualitativos, tais como textos e tweets, esse é capaz de gerar resultados os quais demonstram percepções acerca de Delegacias, conforme objetivado no presente projeto, com a predominância de palavras tais quais vítima, jovem, acusado, justiça, aplicação, entre outros.

Nessa toada, infere-se que por mais que dificultado o trabalho de campo, ferramentas digitais podem ser utilizadas a favor daqueles que fazem um uso predominante de análises qualitativas em seus projetos.

CONCLUSÃO

Uma atividade considerada rotineira para um escritório de advocacia criminal como ir a uma Delegacia proporcionou a elaboração do presente projeto de pesquisa, colocando uma “pulga atrás da orelha” sobre como esse campo amplo que permeia a vida de todos aqueles que são partes da ocorrência de um crime - autores, vítimas, advogados, policiais – deve vir a ser estudado profundamente e de modo qualitativo, buscando entender, mesmo que minimamente, o porquê de as Delegacias policiais serem como são e, se possível, iniciar um processo de análise de como podemos melhorá-las.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABDALA, Cláudia, SILVEIRA, Kátia, et DE SOUZA MINAYO, Maria Cecília. Aplicação da Lei Maria da Penha nas delegacias de mulheres: O caso do Rio de Janeiro. *Dilemas-Revista de Estudos de Conflito e Controle Social*, 2011, vol. 4, no 4, p. 571-600

ARAÚJO, Flávia Monteiro, ALVES, Elaine Moreira, et DA CRUZ, Monalise Pinto. Algumas reflexões em torno dos conceitos de campo e de habitus na obra de Pierre Bourdieu. *Revista Eletrônica Perspectivas da Ciência e Tecnologia-ISSN: 1984-5693*, 2008, vol. 1, no 1, p. 31-40.

DE OLIVEIRA, Cristiano Lessa. Um apanhado teórico-conceitual sobre a pesquisa qualitativa: tipos, técnicas e características. *Travessias*, 2008, vol. 2, no 3.

MIRANDA, Ana Paula Mendes de, OLIVEIRA, Marcella Beraldo de, PAES, Vívian Ferreira, et al. A reinvenção da " cartorialização": análise do trabalho policial em registros de ocorrência e inquéritos policiais em " delegacias legais" referentes a homicídios dolosos na cidade do Rio de Janeiro. *Segurança, Justiça e Cidadania: Pesquisas Aplicadas em Segurança Pública. Brasília, Ministério da Justiça, 2010, 2010*

NICOLAU, Jairo. Breve roteiro para redação de um projeto de pesquisa. *Revista Estudos Políticos*, 2013, vol. 4, no 7, p. 345-353.